

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS – UNIFAL-MG

GUSTAVO VICTOR DA SILVA RIBEIRO CARDOSO

***O BOOM DAS COMMODITIES: O IMPACTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS
SINO-BRASILEIRAS***

VARGINHA-MG

2025

GUSTAVO VICTOR DA SILVA RIBEIRO CARDOSO

***O BOOM DAS COMMODITIES: O IMPACTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS
SINO-BRASILEIRAS***

Trabalho de conclusão de PIEPEX apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia.

Orientadora: Profa. Patrícia de Siqueira Ramos.

VARGINHA-MG

2025

RESUMO

As *commodities* vêm desempenhando um papel central no crescimento econômico do país, em especial a partir das primeiras décadas do século XXI. Este trabalho tem como objetivo, por meio de uma revisão de literatura não sistemática, explicar os efeitos do *boom* das *commodities* na economia brasileira, com ênfase nas relações comerciais com a China. O estudo mostra como os aumentos dos preços das *commodities*, em especial para as agrícolas, minerais e energéticas, impactam no fluxo comercial brasileiro entre 2001 e 2024, gerando superávits comerciais ao longo do período e contribuindo para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Entretanto, a concentração das exportações de mercadorias primárias e a crescente dependência da demanda chinesa revelam fragilidades. Além disso, mesmo com investimentos estrangeiros diretos voltados à infraestrutura e extração de recursos naturais, a contribuição para diversificação produtiva e evolução tecnológica foi mínima. Portanto, o estudo evidencia que, apesar dos benefícios econômicos do fenômeno do *boom* das *commodities* e do estreitamento das relações comerciais entre Brasil e China, é necessário investir em políticas públicas que promovam a diversificação produtiva e fortalecimento da indústria, para que os ganhos advindos dos ciclos de alta das *commodities* se transformem em desenvolvimento sustentável a longo prazo.

Palavras chave: Bem primário; Fluxo Comercial; Desenvolvimento.

ABSTRACT

Commodities have played a central role in Brazil's economic growth, especially since the early decades of the 21st century. This study aims to explain the effects of the commodity boom on the Brazilian economy, with an emphasis on trade relations with China, through a non-systematic literature review. The study shows how rising commodity prices, particularly in the agricultural, mineral, and energy sectors, affected Brazil's trade flow between 2001 and 2024, generating trade surpluses throughout the period and contributing to GDP growth. However, the concentration of exports in primary goods and the growing dependence on Chinese demand reveal structural vulnerabilities. Moreover, despite foreign direct investment focused on infrastructure and natural resource extraction, contributions to productive diversification and technological advancement have been minimal. Therefore, the study highlights that, despite the economic benefits of the commodity boom and the strengthening of Brazil-China trade relations, public policies are needed to promote productive diversification and industrial development, enabling long-term sustainable growth.

Keywords: Primary Good; Trade Flow; Development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. O “BOOM DAS COMMODITIES”	5
3. O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS PELO BRASIL	8
4 O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA	10
4.1 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS SINO-BRASILEIRAS	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
6. REFERÊNCIAS	18

1. INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XXI, o cenário econômico global foi marcado por um expressivo aumento nos preços das *commodities*, fenômeno conhecido como *boom* das *commodities*. Esse movimento teve impactos significativos sobre países exportadores de produtos primários, como o Brasil, que viram suas balanças comerciais se fortalecerem e suas economias crescerem impulsionadas pela valorização de itens como soja, minério de ferro, petróleo e outros recursos naturais. A China, em contexto de expansão econômica, desempenhou papel central como principal compradora dessas mercadorias, reforçando sua posição como parceira comercial estratégica com o Brasil.

Entretanto, embora o *boom* tenha gerado benefícios imediatos para o Brasil, especialmente em termos de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), geração de superávits e aumento das receitas públicas, ele também evidenciou vulnerabilidades estruturais importantes. A dependência de produtos de baixo valor agregado, a perda de espaço da indústria nacional e a fraca diversificação da pauta exportadora acentuaram fenômenos como a desindustrialização.

Ao compreender os mecanismos e impactos do *boom* das *commodities* sobre a estrutura produtiva brasileira, torna-se possível pensar caminhos para que os ganhos gerados por esses ciclos não fiquem restritos ao curto prazo, mas possam se converter em desenvolvimento econômico mais sólido e menos vulnerável às oscilações do mercado internacional.

No presente trabalho, a metodologia usada é a revisão de literatura não sistemática, utilizando o Google Acadêmico para pesquisa de artigos e livros, fontes institucionais públicas e internacionais de dados e também relatórios de discussão e análise técnica. O objetivo do texto é apresentar os efeitos do *boom* das *commodities* sobre a economia brasileira, com ênfase no aprofundamento das relações comerciais com a China. Para isso, o texto está organizado em cinco seções. Após a introdução, a segunda seção explica sobre o fenômeno do *boom* das *commodities*, com ênfase nos seus impactos para o Brasil. Na terceira seção, é apresentado como se deu o desenvolvimento das relações comerciais no globo, com foco no entendimento de quais foram os principais produtos importados e exportados entre o período de 2001 e 2024. Em seguida, na quarta seção é abordado mais especificamente o desenvolvimento da relação sino-brasileira, e explicar as vantagens e desvantagens dessa relação. Por fim, são feitas as considerações finais.

2. O “*BOOM DAS COMMODITIES*”

Commodity é um termo rotineiramente usado para tratar de mercadorias primárias, comercializadas de forma padronizada, a fim de que sejam usadas no mundo todo sem sofrer impactos de marcas ou regiões distintas nas quais são produzidas ou extraídas. Entende-se que são produtos de pouco valor agregado e que são usados como insumos para atividades econômicas e portanto são extremamente demandados por países com alta capacidade produtiva, que muitas vezes precisam importar esses produtos. Por se tratarem de produtos globais e de múltiplas cadeias, qualquer mudança no mercado de *commodities* pode afetar a economia como um todo (Leite; Rodrigues, 2024).

O mercado de *commodities* tende a ser afetado primeiramente pelos desequilíbrios entre a oferta e demanda. Por parte da oferta, fatores como a produção, períodos de safras e entressafras, estoques globais, condições climáticas (principalmente para as agrícolas) e políticas governamentais. Pelo lado da demanda, renda disponível e renda per capita, densidade populacional, padrões de consumo e níveis de capacidades produtivas tendem a influenciar o comportamento dos preços dos produtos primários (Leite; Rodrigues, 2024).

No cenário global, as cadeias produtivas estão cada vez mais integradas e acabam sendo sensíveis a mudanças geopolíticas. O comportamento do mercado de alguns produtos são diretamente influenciados por esses acontecimentos. O mercado de *commodities* costuma apresentar fortes volatilidades, mas com ciclos frequentes, em função de características como safra e entressafra, onde naturalmente tende a gerar uma pressão de venda maior no pico da colheita de um *commodity* agrícola, por exemplo. Além disso, existem riscos de dependências desses produtos, como vulnerabilidade no fluxo comercial e a deterioração dos termos de troca em países que baseiam sua economia na exportação dessas mercadorias (Black, 2015; Carneiro, 2012; Prebisch, 1949).

O chamado “*boom das commodities*” é um fenômeno de mercado em que os preços das *commodities* têm um aumento expressivo, na maioria das vezes, por causa de um crescimento anormal na demanda pelos produtos. Uma consequência desse fenômeno é uma tendência ao equilíbrio por parte da oferta, modificando a estrutura produtiva dos países participantes dos mercados, a fim de suprir e aproveitar a oportunidade de exportar suas mercadorias a preços mais altos. No Brasil, houve um aumento expressivo nos investimentos de áreas de cultivos para soja e milho a partir de 2001, em detrimento do aumento da demanda pelos produtos (Leite; Rodrigues, 2024).

Pelo lado da oferta, o Brasil foi também beneficiado pelo *boom* das *commodities* que se iniciou em 2002. No país, os principais grupos de *commodities* afetadas foram as agrícolas, minerais e energéticas, as quais apresentaram elevações consideráveis nos preços. Essa elevação teve uma breve interrupção em 2008, por causa de intempéries climáticas (El Niño de 2004 e El Niño de 2009) e, principalmente, pela crise do *subprime*, que foi marcada pelo estouro da bolha imobiliária e pelo alto número de calotes em empréstimo hipotecários de alto risco, o que resultou em uma crise econômica global (Black, 2015; Carneiro, 2012; Prebisch, 1949).

Por parte da demanda, o crescimento econômico e o processo de urbanização chinesa, o chamado “efeito-China-Demanda”, é considerado uma das principais causas para o superciclo de preços de *commodities*. A China, após entrar na Organização Mundial de Comércio (OMC), em dezembro de 2001, aumentou sua participação no mercado mundial, tanto como exportador de bens manufaturados como pela sua capacidade de importar grandes volumes de matérias-primas (Izerrougene; Costa-Mata, 2011).

Dentro desse quadro de oferta e demanda de produtos primários, o Brasil e a China se estabeleceram com relações comerciais importantes, mas com saldos positivos para o Brasil, especialmente pelas produções agrícolas de *commodities*. Segundo Cunha (2011), existem três características presentes nas relações entre China e países da América Latina que se enquadram muito bem no caso do Brasil, primeiro: (i) o fluxo de comércio teve um aumento intenso nos países que são produtores de *commodities*; (ii) na fase inicial, predomina um superávit (saldo positivo na balança comercial) comercial nesses países; (iii) à medida em que a China começa a exportar bens manufaturados para esses países, inicia-se uma tendência de mudanças na posição de superavitário.

Entre os anos 2003 a 2008, os dados mostram que o Brasil teve melhorias nas exportações, o país passou de US\$72 bilhões para US\$197 bilhões. A taxa de crescimento do PIB foi de aproximadamente 4,8%. Dentre as *commodities* exportadas pelo Brasil, se destacam a soja, o petróleo e gás e metais não preciosos, sendo a China o principal importador. Entretanto, existem muitos debates acerca de preocupações sobre a dependência de demanda externa por produtos não manufaturados e também por processos de desindustrialização, já que países como o Brasil têm grande parte da balança comercial influenciada por *commodities*, com baixo valor agregado (Almeida; Pires; Leite, 2022).

A crise do *subprime* em 2008 afetou o fluxo comercial global. Entretanto, a China não deixou de comprar grandes volumes de *commodities*, o que contribuiu para que países

subdesenvolvidos como o Brasil sofressem menos do que economias industriais mais avançadas. A partir de 2009 já foi possível perceber uma melhora nos preços das *commodities* (Leite; Rodrigues, 2024).

Apesar da América do Sul exportar produtos de baixo valor agregado, a intensa demanda da China contribuiu para que os preços das *commodities* aumentassem, o que favoreceu a relação de troca para os países sul-americanos (Ray; Gallagher, 2017). A maior parte dos países tiveram uma melhoria nos intercâmbios até 2011 e, a partir de 2012, uma queda foi observada juntamente com um enfraquecimento na economia chinesa, o que impactou nos preços dos produtos exportados pelos países sul-americanos (Leite; Rodrigues, 2024).

3. O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS PELO BRASIL

Antes de abordar as relações comerciais sino-brasileiras, é importante ressaltar quais são os principais produtos comercializados pelo Brasil. Como salientado na seção anterior, o Brasil, assim como grande parte dos países sul-americanos, é um grande exportador das *commodities* utilizadas no globo e importador de bens manufaturados, bens intermediários ou bens de capital, como pode ser observado nos Quadros 1 e 2. Eles apresentam os principais produtos exportados e importados pelo Brasil no comércio global em 2001 e 2024, respectivamente.

Quadro 1: Principais produtos exportados e importados pelo Brasil no comércio global em 2001 (participação percentual sobre o valor FOB)

Principais produtos exportados e importados pelo Brasil no comércio global em 2001			
Produtos exportados		Produtos importados	
Descrição do produto	%	Descrição do produto	%
Aeronaves e outros equipamentos, incluindo suas partes	6,06%	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus	5,65%
Minério de ferro e seus concentrados	5,05%	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos)	5,14%
Soja	4,70%	Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios	4,39%
Açúcares e melaços	3,93%	Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores	3,65%
Farelos de soja e outros alimentos para animais	3,62%	Partes e acessórios dos veículos automotivos	2,80%
Veículos automotivos de passageiros	3,36%	Compostos organo-inorgânicos	2,52%
Calçados	2,90%	Veículos automotivos de passageiros	2,48%
Partes e acessórios dos veículos automotivos	2,73%	Aduos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos)	2,15%
Carnes de aves e suas miudezas comestíveis	2,40%	Energia elétrica	1,99%
Equipamentos de telecomunicações	2,33%	Outras máquinas e equipamentos para indústrias	1,95%
Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos)	2,30%	Motores e máquinas não elétricos	1,91%
Celulose	2,15%	Instrumentos e aparelhos de medição, verificação, análise e controle	1,89%
Café não torrado	2,08%	Aparelhos elétricos para ligação, proteção ou conexão de circuitos	1,87%
Operações especiais e commodities não classificadas de acordo com o tipo	2,05%	Outros medicamentos, incluindo veterinários	1,82%
Motores de pistão, e suas partes	1,95%	Geradores elétricos giratórios e suas partes	1,78%
Alumínio	1,90%	Máquinas de processamento automático de dados e suas unidades	1,70%
Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço	1,89%	Trigo e centeio, não moidos	1,54%
Sucos de frutas ou de vegetais	1,52%	Máquinas e aparelhos elétricos	1,54%
Couro	1,50%	Motores de pistão, e suas partes	1,51%
Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas	1,46%	Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários	1,48%
Tabaco, descaulificado ou desnervado	1,43%	Aeronaves e outros equipamentos, incluindo suas partes	1,42%
Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada	1,27%	Equipamento para distribuição de energia elétrica	1,25%
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus	1,24%	Peças e acessórios para a máquinas de processamento de dados	1,24%
Madeira, parcialmente trabalhada e dormentes de madeira	1,07%	Máquinas para escritórios	1,04%
Outros	39,12%	Compostos de função nitrogênio	1,02%
		Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado	1,00%
		Outros	43,25%

Fonte: ComexStat (Brasil, 2025) - Elaboração própria.

Quadro 2: Principais produtos exportados e importados pelo Brasil no comércio global em 2024

Principais produtos exportados e importados pelo Brasil no comércio global em 2024			
Produtos exportados		Produtos importados	
Descrição do produto	%	Descrição do produto	%
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus	13,34%	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos)	5,78%
Soja	12,74%	Adbos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos)	5,15%
Minério de ferro e seus concentrados	8,86%	Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores	3,41%
Açúcares e melaços	5,53%	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus	3,31%
Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada	3,46%	Motores e máquinas não elétricos	3,23%
Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos	3,46%	Veículos automóveis de passageiros	3,15%
Café não torrado	3,36%	Partes e acessórios dos veículos automotivos	3,13%
Celulose	3,14%	Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários	3,00%
Farelos de soja e outros alimentos para animais	3,09%	Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos...	2,60%
Carnes de aves e suas miudezas comestíveis	2,69%	Outros medicamentos, incluindo veterinários	2,29%
Milho não moído, exceto milho doce	2,43%	Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios	2,29%
Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja e outras	1,58%	Inseticidas, rodenticidas e semelhantes	1,82%
Algodão em bruto	1,53%	Veículos automóveis para transporte de mercadorias e usos especiais	1,73%
Produtos semi-acabados	1,38%	Instrumentos e aparelhos de medição, verificação, análise e controle	1,65%
Aeronaves e outros equipamentos, incluindo suas partes	1,29%	Aeronaves e outros equipamentos, incluindo suas partes	1,53%
Veículos automóveis de passageiros	1,27%	Máquinas e aparelhos elétricos	1,44%
Minérios de cobre e seus concentrados	1,23%	Motores de pistão, e suas partes	1,34%
Ouro, não monetário	1,18%	Aparelhos elétricos para ligação, proteção ou conexão de circuitos	1,28%
Sucos de frutas ou de vegetais	1,04%	Gás natural, liquefeito ou não	1,26%
Alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial	1,00%	Bombas, centrifugas, compressores de ar e outros	1,20%
Outros	9,79%	Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado	1,19%
		Cobre	1,10%
		Outras matérias plásticas em formas primárias	1,09%
		Outras máquinas e equipamentos para indústria	1,02%
		Obras de ferro ou aço e outros artigos de metais comuns	1,02%
		Outros	43,96%

Fonte: ComexStat (Brasil, 2025) - Elaboração própria.

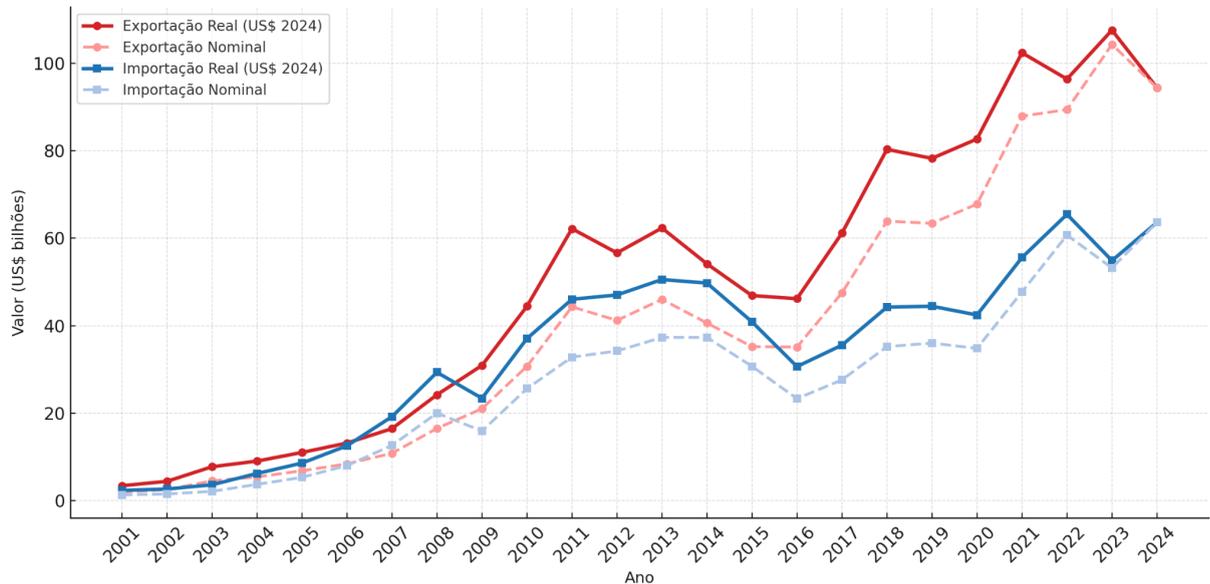
Apesar de ter mantido somente os percentuais nos Quadros 1 e 2, é importante ressaltar que os valores US\$ FOB de exportação (termo usado para tratar do valor do produto colocado a bordo do navio no porto de origem) foram de US\$58 bilhões de dólares em 2001 para US\$337 bilhões de dólares em 2024, um salto de 5,81 vezes. Além disso, houve um superávit comercial de US\$1,46 bilhões em 2001 para US\$74,17 bilhões, um número ainda mais chamativo, correspondendo a 50,8 vezes do que o registrado em 2001. Portanto, o Brasil conseguiu desenvolver uma vantagem na balança comercial desde o início da década de 2000 (Brasil, 2025).

Outro ponto a ser observado é que a pauta exportadora aumentou fortemente as exportações agropecuárias, em especial a soja, que aumentou a sua participação nas exportações em 8,04% desde 2001. Segundo Contini e Aragão (2020), esse movimento de maiores produções e exportações no ramo do agronegócio, permitiu que o Brasil alimentasse 800 milhões de pessoas em 2020, tornando-se um dos principais fornecedores de alimentos no mundo.

4 O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA

As relações comerciais sino-brasileiras vêm se intensificando desde 2001, através de assinaturas de acordos de comércio e investimentos em diversos setores da economia (Vadell; Ramos; Neves, 2016). Por consequência, a China desenvolveu a cooperação com o sul do globo, incentivando o aumento das trocas comerciais entre os países em desenvolvimento, passando de uma presença quase nula para se tornar o principal parceiro comercial do Brasil (Leite; Rodrigues, 2024). No Gráfico 1 é possível observar o desenvolvimento desse fluxo de exportações e importações de 2001 a 2024.

Gráfico 1: Exportações e Importações Brasil–China (2001–2024), em bilhões de dólares (US\$), em valores reais e valores nominais



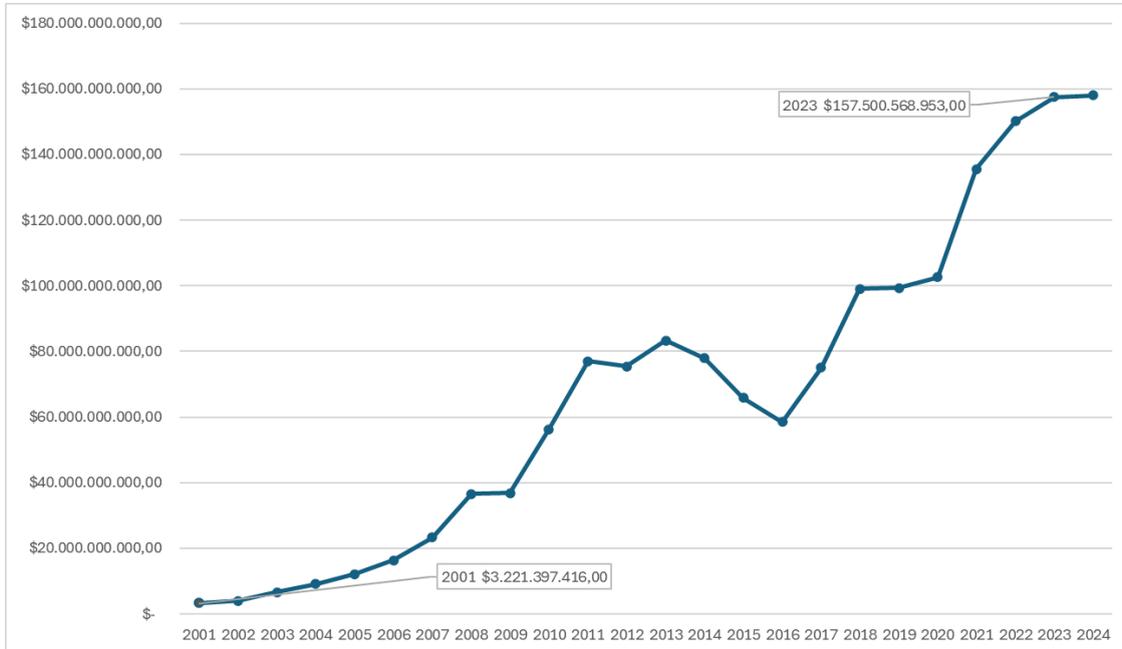
Fonte: ComexStat (Brasil, 2025) - Elaboração própria.

As exportações entre 2001 e 2024 subiram 4.863,68%, o que corresponde a um aumento de US\$92,47 bilhões de dólares. O aumento mais expressivo se deu na década de 2000 (entre 2001 e 2009), na qual o Brasil aumentou em 1.004,26%, em comparação com a década de 2010 (entre 2010 e 2019), em que o aumento foi de 106,05%. Já para as importações, o aumento mais expressivo também foi na década de 2000, onde o Brasil teve uma elevação de 1.104,75% em comparação com os 40,78% da década de 2010. Entre 2001 e 2024, o aumento para as importações foi de 4.720,40%, onde o recorde foi em 2024 totalizando US\$63,63 bilhões de dólares (Brasil, 2025).

É possível notar no Gráfico 2 que o fluxo comercial total (soma das exportações e importações) atingiu o seu pico em 2024, onde foram negociados US\$157.500.568,953,00, um

grande avanço na parceria comercial, que corresponde a 4.804,96% desde a década de 2000 (Brasil, 2025).

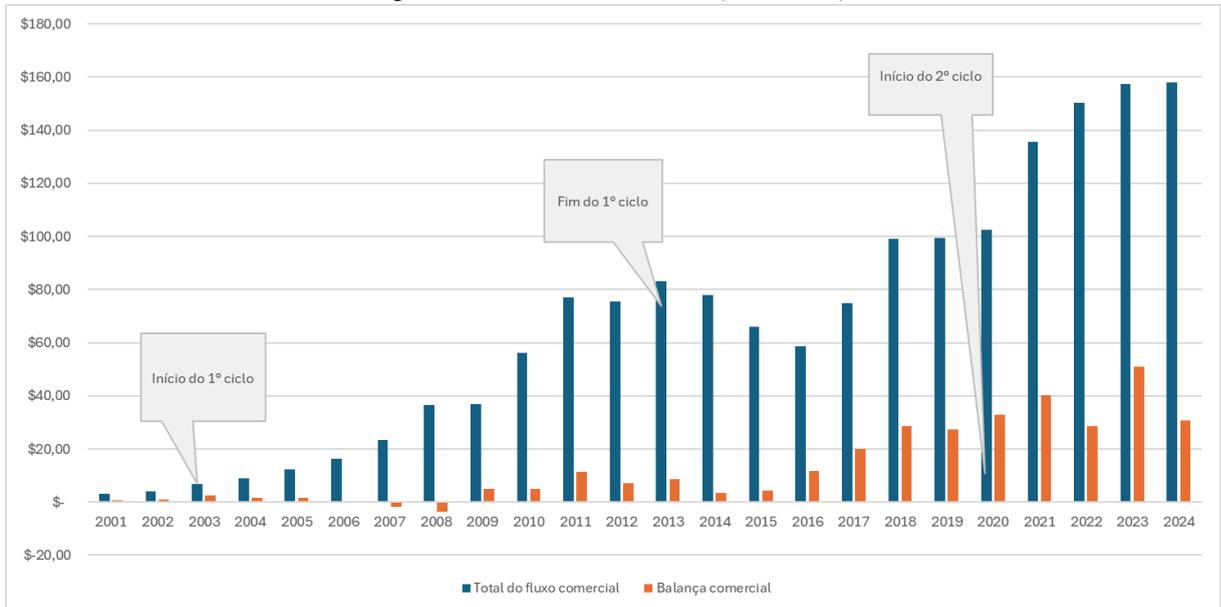
Gráfico 2: Total do fluxo comercial entre Brasil e China (2001–2024), em valores nominais



Fonte: ComexStat (Brasil, 2024) - Elaboração própria.

Apesar da intensificação nas relações comerciais sino-brasileiras desde o início de 2001, o superávit no Brasil para essa parceria elevou-se de forma significativa somente a partir de meados de 2017 até 2023. No Gráfico 3 é possível observar que os maiores aumentos das relações comerciais iniciaram-se entre 2003 e 2013, em que o total do fluxo comercial entre os dois países atingiu US\$83,35 em 2013. Esse primeiro período, segundo Leite e Rodrigues (2024), trata-se do primeiro *boom* das *commodities*. Já o segundo período do *boom* das *commodities* trata-se justamente do período entre 2020 até 2023, onde o volume total comercializado entre os dois países avança 109,88% e o superávit comercial por parte do Brasil passa a ser de US\$51,15 bilhões, um avanço de 156,59% (Brasil, 2025).

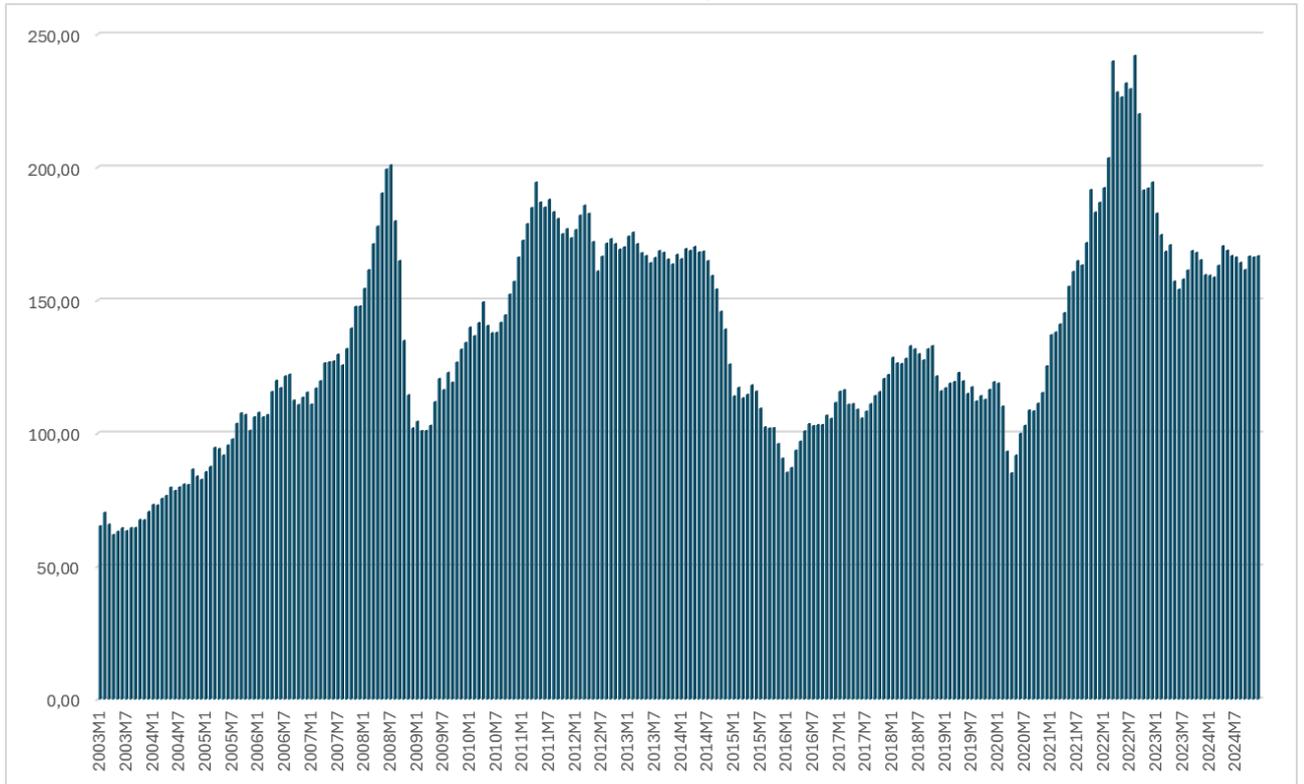
Gráfico 3: Relações comerciais sino-brasileiras no primeiro *boom* das *commodities* (2001/2013) e no segundo *boom* das *commodities* (2017/2024)



Fonte: ComexStat (Brasil, 2025) - Elaboração própria

Nesse período de comercialização e processos industriais cada vez mais acelerados, os preços dos bens primários também tiveram aumentos de preços relevantes, principalmente pela elevação da demanda por parte da China, como tratado nos trechos anteriores. Pode-se observar no Gráfico 4, no período do primeiro *boom*, que o pico de preço dos produtos foi em 2008, com o índice de preço de 200,81. Logo após a esse período, os preços arrefecem com a crise do *subprime*, com um enfraquecimento global da economia e menor demanda por bens primários. Já no segundo *boom*, o índice de preços alcançou o seu recorde em agosto de 2022, com 241,92 (IMF, 2025).

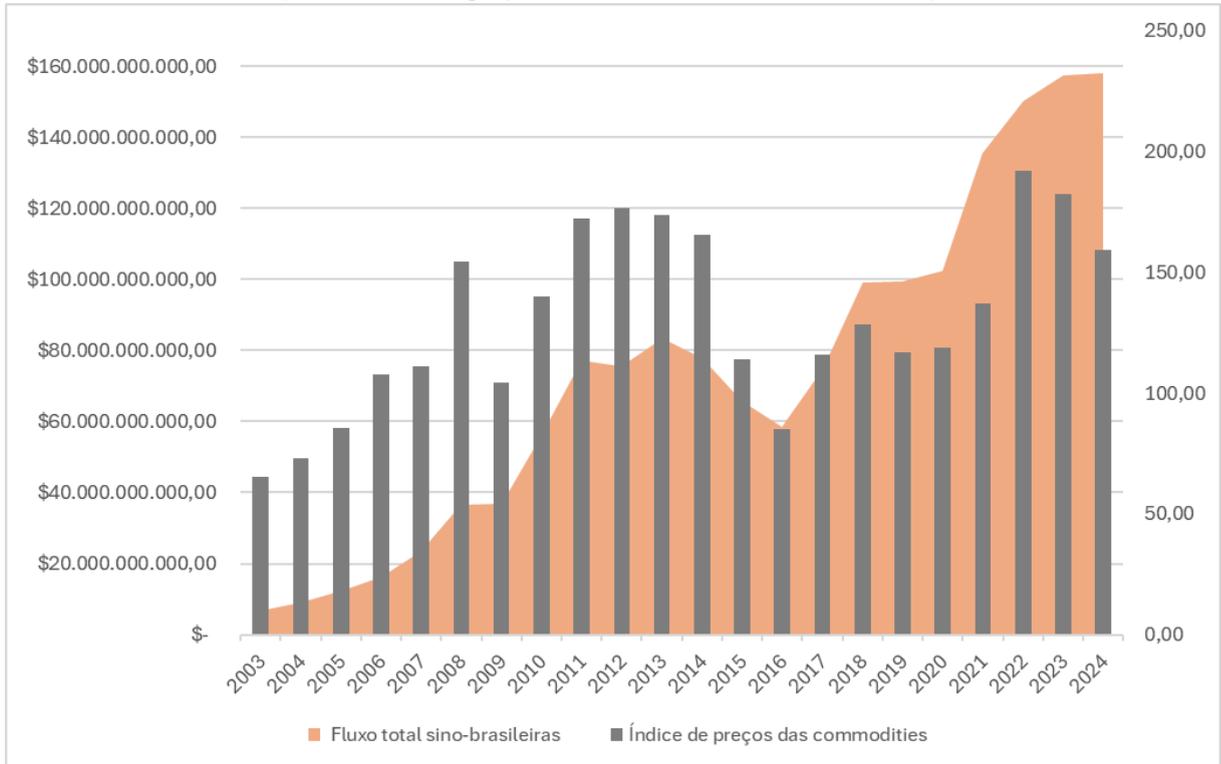
Gráfico 4: Índice de preços de todas as *commodities* entre 2003 e 2024 (inclui índices de preços de combustíveis e não combustíveis)



Fonte: International Monetary Fund (IMF, 2025) - Elaboração própria.

É possível observar no Gráfico 5 que o total do fluxo comercial tem certa semelhança com o índice de preços das *commodities*. Os preços dos bens primários têm um movimento de alta (IMF, 2025) juntamente com o salto do fluxo comercial sino-brasileiro entre 2003 e 2013 (Brasil, 2025), tendo recuos específicos ao longo desse período. E justamente ao fim do primeiro período do *boom* das *commodities*, o fluxo comercial entre Brasil e China também passa por um período de regressão.

Gráfico 5: Fluxo total do fluxo comercial sino-brasileira e índice de preços de *commodities* entre 2003 e 2024 (inclui índices de preços de combustíveis e não combustíveis)



Fonte: International Monetary Fund (IMF, 2025) e ComexStat (Brasil, 2025) - Elaboração própria.

A valorização dos preços das *commodities* esteve associada a um crescimento econômico mais robusto para os exportadores das mercadorias primárias, em especial para o Brasil. Bertrand Gruss publicou um estudo no Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2014, com o seguinte questionamento: o que mais impactou para o crescimento econômico dos países exportadores de *commodities* no intervalo 1970-2013, o nível de preços reais de *commodities* ou a sua taxa de crescimento? O estudo concluiu que o crescimento do PIB não mostra relação com o nível de preços relativos, mas sim com a taxa de crescimento. Resumidamente, esse estudo quer dizer que ter preços altos de *commodities* não garante que o país vai crescer mais, mas se os preços tendem a subir todos os anos, o impacto na economia é maior a longo prazo. Se existe uma expectativa de que os preços tendem a subir ao longo do tempo, naturalmente gera-se uma confiança maior nos agentes para investimentos no ramo (Gruss, 2014).

4.1 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS SINO-BRASILEIRAS

O Brasil conseguiu aumentar as suas exportações de U\$58 bilhões de dólares em 2001 para U\$337 bilhões de dólares em 2024, um avanço que contribuiu para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), tendo em vista que apesar das importações também terem aumentado em ritmo acelerado, a balança comercial encerrou-se no negativo desde o início de 2001 apenas em 2007 e 2008. Entretanto, as exportações brasileiras para a China têm se concentrado ao longo desse período em *commodities* com baixo valor agregado, enquanto a China exportou em grande parte produtos manufaturados, que envolvem mercadorias de transformação industrial (Brasil, 2025).

As Figuras 1 e 2 evidenciam que a pauta exportadora do Brasil para a China é fortemente concentrada em *commodities*, com destaque para a soja, os óleos brutos de petróleo e o minério de ferro e seus concentrados. Por outro lado, as importações brasileiras oriundas da China são majoritariamente compostas por produtos manufaturados ou semimanufaturados, de maior valor agregado.

As categorias setoriais estão representadas por cores distintas: a indústria extrativa (cor cinza), que apresenta significativa participação nas exportações; a agropecuária (cor amarela); e a indústria de transformação (cor azul escuro), predominante entre os produtos importados. Essa diferenciação visual permite observar de forma clara o padrão de especialização produtiva e comercial entre os dois países, marcado pela exportação de bens primários por parte do Brasil e pela importação de produtos industrializados provenientes da China.

primários) é fundamental para evitar que sejam períodos com menor crescimento econômico. Durante o governo Lula (2003-2010), no primeiro *boom* das *commodities*, a taxa média de crescimento do PIB foi de 4,03% a.a., enquanto que no governo Dilma (2011-2016) foi de 2,08% (Black, 2015).

A China é o principal parceiro econômico do Brasil, tendo ultrapassado os EUA em 2009 e 2012, respectivamente (Rodrigues; Jabbour, 2023). A China tem grande interesse em fazer negócios com a América Latina, especialmente com o Brasil, pela combinação com a estratégia de expansão econômica chinesa. O Brasil oferece recursos naturais e oportunidades de negócios. Entretanto, o país tem gargalos logísticos, como estradas, portos e ferrovias ruins, o que dificulta o escoamento das *commodities* até a China (Leite; Rodrigues, 2024). Por esses motivos, a China vem aumentando os seus investimentos externos diretos (IED) no Brasil a partir dos aumentos da sinergia das comercializações sino-brasileiras.

Os IEDs chineses têm foco de longo prazo e buscam garantir acesso a recursos naturais através de instalação de empresas chinesas, mas com pouca ou nenhuma transferência de tecnologia para o Brasil. Nas obras de infraestrutura, as empresas contratadas são obrigatoriamente chinesas que concentram-se na compra de matérias-primas e construções para facilitar a exportação das *commodities* brasileiras para a China (Leite; Rodrigues, 2024).

Em síntese, mesmo com os benefícios dos investimentos estrangeiros, não se observa uma tendência de mudanças econômicas no que diz respeito a maiores produções e exportações de produtos manufaturados, com desenvolvimento de capacidades industriais e conhecimentos tecnológicos. Apesar do *boom* das *commodities* e do crescimento da participação brasileira no comércio internacional, o país tem concentração de produtos primários nas exportações, aumentando a dependência por maiores aumentos de preços reais para as *commodities* para taxas de crescimentos melhores para o PIB nacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tenta mostrar como o *boom* das *commodities* influenciou profundamente a dinâmica econômica e comercial do Brasil nas últimas duas décadas, especialmente na intensificação das relações com a China. A valorização das *commodities* agrícolas, minerais e energéticas contribuiu para uma melhora nos termos de troca e para o crescimento expressivo das exportações brasileiras, gerando superávits comerciais importantes, sobretudo entre os anos de 2003 e 2013 e, posteriormente, entre 2017 e 2023.

Entretanto, apesar dos avanços no comércio exterior e no aumento da relevância do Brasil como fornecedor global de matérias-primas, o estudo também revelou os desafios estruturais enfrentados pelo país. A concentração das exportações em produtos primários de baixo valor agregado, a desindustrialização precoce e a fraca diversificação da pauta exportadora colocam o Brasil em uma posição de vulnerabilidade frente às oscilações dos preços internacionais das *commodities*.

A crescente dependência do mercado chinês, aliada à intensificação dos Investimentos Estrangeiros Diretos (IEDs) chineses com foco em extração de recursos e obras de infraestrutura, reforça a lógica de especialização regressiva, sem promover ganhos expressivos em inovação, transferência de tecnologia ou desenvolvimento industrial local. Essa relação, embora economicamente vantajosa em certos aspectos, precisa ser equilibrada por políticas públicas que estimulem setores produtivos de maior complexidade e incorporem maior valor agregado à produção nacional.

Portanto, os resultados analisados evidenciam a necessidade de uma estratégia de desenvolvimento de longo prazo que vá além do aproveitamento dos ciclos de valorização das *commodities*. É fundamental que o Brasil invista em infraestrutura logística, inovação, educação tecnológica e fortalecimento da indústria para que possa transformar ganhos conjunturais em crescimento estrutural. A construção de uma economia mais diversificada e resiliente é essencial para garantir prosperidade sustentável diante das transformações do cenário econômico global. Além disso, é importante reconhecer as limitações deste estudo, como a ausência de uma análise aprofundada sobre os efeitos distributivos do *boom* das *commodities*, em especial no que se refere à concentração de capital nas grandes cadeias exportadoras. Futuros trabalhos podem investigar de forma mais detalhada quais produtos apresentaram aumento ou queda significativa nas exportações ao longo do tempo, bem como os impactos regionais dessas variações. Também se faz necessário discutir políticas públicas

que incentivem a agricultura familiar, promovam a inclusão produtiva e melhorem a distribuição da renda no país, de modo que os benefícios do comércio exterior não se restrinjam a poucos setores da sociedade.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.; PIRES, P.; LEITE, A. C. Relações comerciais com a China e a desindustrialização brasileira entre 2000 e 2014: um estudo baseado na análise inter-regional do insumo-produto. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP)**, n.63, maio/ago. 2022.

BLACK, C. Preços de commodities, termos de troca e crescimento econômico brasileiro nos anos 2000. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.42, n.3, p. 27-44, 2015.

COMEX STAT. Sistema oficial para extração das estatísticas do comércio exterior brasileiro de bens - **COMEX STAT**, 2023. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 02 jun. 2025.

GRUSS, B. **After the boom-commodity prices and economic growth in Latin America and the Caribbean**. [S.l.]: IMF, 2014. (IMF Working Papers, n. 154).

INTERNATIONAL MONETARY FUND - IMF. **IMF Primary Commodity Prices**, 2023. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Research/commodity-prices>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

IZERROUGENE, B.; COSTA-MATA, H. T. Dólar, petróleo e novas práticas de comércio internacional. **Economía, Sociedad y Territorio**, Toluca, v. 11, n. 37, p. 707-728, 2011.

LEITE, A. C. C.; RODRIGUES, B. S. Novo boom das commodities e a crescente participação chinesa na estrutura de comércio exterior do Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 33, n. 3, p. e282056, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8677697>. Acesso em: 13 abr. 2025.

RAY, R.; GALLAGHER, K. **China-Latin America Economic Bulletin**. GEGI Discussion Paper, 2017.

RODRIGUES, B. S.; JABBOUR, E. A iniciativa cinturão e Rota e as implicações geoeconômicas para o Brasil sob a perspectiva da nova economia do projeto e da geoeconomia híbrida. In: CARVALHO, Evandro Menezes de; VERAS, Daniel; STEENHAGEN, Pedro (Org.). **A China e a iniciativa Cinturão e Rota**. Rio de Janeiro: FGV Direito Rio, 2023. p. 93-142.

VADELL, J.; RAMOS, L.; NEVES, P. As implicações internacionais do modelo chinês de desenvolvimento do Sul Global: Consenso Asiático como network power. In: LIMA, Marcos Costa (Org.). **Perspectivas Asiáticas**. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2016. p. 67-90.